

O PAPEL DA PLATAFORMA GERADORA NA ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DOS GÊNEROS PERSUASIVOS¹

ROSALICE PINTO²

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

ABSTRACT: This paper, based on the Theory of Text approach, intends to demonstrate that: (1) each persuasive genre has in its textual organization a 'generator platform' – PG –; (2) the PG is materialized by a macro-textual unit; (3) This PG is responsible for the distribution of the argumentative relations in a text; (4) this PG gives some instructions to find out the argumentative dimension of the text; (5) the materialization of the PG depends on the genre studied. This study was developed in two persuasive genres that circulated during the Minister election, in the beginning of 2002: one editorial and one outdoor.

KEYWORDS: generator platform (PG); argumentation; persuasive genres; textual genres; textual organization; textual 'engrenage'; textual unities.

1. Introdução

Este trabalho³, inserido no quadro teórico da Teoria do Texto, perspectivado numa Linguística de Gêneros⁴, procurará, de um lado, definir alguns aspectos organizacionais presentes em certos gêneros textuais e, de outro, mostrar o funcionamento dessas categorias em dois exemplares representativos de gêneros persuasivos⁵: um *outdoor* partidário e um editorial. Tais tex-

¹ Este trabalho seguirá a norma do português formal do Brasil. Uma primeira versão deste texto foi apresentada no II Fórum de Partilha Linguística (CLUNL, Julho de 2007).

² rosapinto1@netcabo.pt

³ Este se baseia no capítulo 5, da minha tese de doutorado em Linguística, intitulada *Argumentação em Gêneros Persuasivos: um estudo contrastivo*, defendida em Outubro de 2006, na Universidade Nova de Lisboa, em que desenvolvo o conceito de *engrenagem organizacional* nos gêneros textuais.

⁴ Termo adotado por Bouquet (2004: 5), no texto de introdução da revista *Langages*, n.º 153, de 2004, intitulado "Linguistique générale et linguistique des genres". Mas parece que o primeiro a sugerir-lo foi Rastier (2001: 232), segundo Coutinho (2005: 73-88).

⁵ Estes visam a convencer alguém a votar (*outdoor* partidário) ou a 'aderir' a uma idéia (editorial).

tos circularam em Portugal nos primeiros meses do ano de 2002 e versavam sobre as Legislativas Portuguesas.

Assumo como princípio teórico neste artigo que todo texto empírico, composto por unidades verbais e não-verbais, está forçosamente inserido em determinada prática social. Conseqüentemente é coibido por esta última na sua materialização lingüístico-textual. Partindo deste pressuposto, defendo a tese da existência, na organização textual de determinados gêneros, de um centro de distribuição de relações argumentativas (*plataforma geradora*).

De forma a atingir esse objetivo, este trabalho será dividido em três seções. Numa primeira parte, de cunho teórico, mostrarei, a partir do conceito de gênero e componentes do gênero desenvolvidos por estudos precursores de Bakhtin (1997), Maingueneau (1986, 2002) e Adam (2001), a grade por mim desenvolvida para trabalhar com determinados gêneros. Apresentarei, ainda, as noções de *argumentação externa e interna* desenvolvidas por Ducrot (2001) e Carel (2002) na atual versão da Argumentação na Língua, para complementar o meu instrumento de análise. Numa segunda etapa, definirei as noções de *gênero persuasivo* e *plataforma geradora* (PG) (Pinto, 2006) para depreender a *organização textual* (OT) dos gêneros. Salientarei que a PG, sendo influenciada por aspectos de ordem genérica, apresentará 'formatos' diferenciados em função do gênero em estudo e também atuará argumentativamente de forma distinta. Por fim, depreenderei o funcionamento argumentativo da PG de alguns gêneros, a partir do levantamento da OT e da PG de alguns exemplares de texto, inseridos em duas práticas sociais distintas: a política e a jornalística.

2. Pressupostos teóricos

2.1. Gêneros de texto / do discurso e textos empíricos

São vários os teóricos que vêm se dedicando ao estudo dos gêneros ao longo de décadas. Inspirando-se nos estudos baktinianos, que procuraram transpor a problemática dos gêneros do mundo literário para o discursivo, fazendo uso de exemplos literários, muitos outros autores buscaram estudar essa noção no âmbito discursivo-textual⁶. Nomeadamente, são relevantes, neste âmbito, os trabalhos⁷ de Adam (2001); Maingueneau (2002) e Bronckart (2004) sobre esta problemática. Não nos interessa aqui fazer um inventário exaustivo sobre esta noção, compete-nos definir, através de algumas abordagens teóricas visitadas, o que entendemos por *gênero de texto*. À semelhança de Maingueneau (1998), pensamos que os *gêneros* correspon-

⁶ Consideramos como perspectivas discursivo-textuais as relativas à Análise do Discurso (AD) e à Linguística Textual (LT).

⁷ É importante ressaltar que estes teóricos, devido a enfoques vários, denominam os gêneros de forma diferente. Maingueneau e Bakhtin falam de *gêneros do discurso*; Adam preferiu utilizar a expressão *gêneros de discurso*; Bronckart e Rastier optam por *gênero(s) de texto*. Nós preferiremos esta última denominação, uma vez que trabalhamos com textos que refletem o contexto em que circulam.

dem a práticas de comunicação sócio-historicamente definidas, evoluindo incessantemente com a sociedade. Contudo, vale ressaltar que apresentam, de acordo com a institucionalidade dos mesmos, certo grau de estabilidade. Dessa forma, na produção de determinado texto, que forçosamente está inserido em um gênero, um agente produtor recorre tanto a modelos já disponíveis no *arquitexto* (processo de adoção), quanto os adapta em função das suas representações acerca do contexto de produção e do conhecimento que tem em relação aos diferentes gêneros (processo de adaptação) – Bronckart (2004). Há de ressaltar que o gênero textual apresentará, assim, além de aspectos previsíveis pelo próprio gênero, propriedades singulares e um estilo individualizado.

Como o gênero é uma categoria abstrata, ele só poderá vir a ser estudado a partir dos textos que circulam nas diversas práticas sociais. Dessa forma, o texto empírico deve ser considerado uma *unidade comunicativa*. Como salienta Bronckart:

Les textes constituent les correspondants empiriques des activités langagières réalisés avec les ressources d'une langue naturelle. Ce sont des *unités communicatives globales*, dont les caractéristiques compositionnelles dépendent des propriétés des situations d'interaction et de celles des activités générales qu'elles commentent, ainsi que des conditions historico-sociales de leur propre élaboration.

Bronckart (2004: 115)

Dentro desta acepção de texto que adotamos, lembremos que os fatores contextuais são inerentes à própria materialização lingüístico-textual e não podem ser desprezados quando das análises textuais efetuadas. Com isso, preferiremos uma metodologia descendente de análise, como preconiza Bronckart. Para o estudo dos aspectos organizacionais que intervêm na depreensão do funcionamento argumentativo dos textos, começaremos a elencar alguns elementos contextuais importantes para a caracterização da organização dos textos.

Definidas as categorias *gênero de texto* e *texto* com as quais trabalhamos, passamos a definir os *componentes do gênero* que farão parte da grade que será por nós adotada.

São conhecidos os estudos de diversos teóricos que buscaram definir aspectos relevantes para a caracterização dos gêneros⁸. Contudo, face aos *corpora* (que era constituído de textos plurissemióticos) de que dispunhamos, tivemos que fazer uma seleção dos componentes a serem utilizados. Em relação a aspectos de ordem genérica ou contextuais, servimo-nos da classificação proposta por Maingueneau; já para questões relativas à construção textual, propriamente dita, utilizamos prioritariamente⁹ a grade proposta por Adam.

⁸ Voloshinov (1997) e Bronckart (1997) definem três componentes; Maingueneau (1986) propõe cinco; Adam (2001) pontua oito aspectos.

⁹ Na grade de análise dos gêneros proposta por Adam (2001: 40-41) os componentes *semântico* e *composicional* são definidos em separado. Neste trabalho, a componente *se-*

Apresentamos, a seguir, com alguma simplificação metodológica¹⁰, a grade de análise proposta na minha tese. Salientamos, em negrito, os aspectos genéricos relevantes que interferirão na materialização e funcionamento da *organização textual* dos exemplares de gênero em estudo. Estes componentes mais relevantes serão definidos quando das análises efetuadas.

Componentes externos (vertente externa)	Componentes internos (vertente interna)			
arquitectual	Organização textual	Aspectos estilísticos	Aspectos enunciativos ampliados	
intertextual	composição	recursos verbais	Classificação dos <i>ethè</i>	
metatextual	articulação geral entre UTs e UMT/ articulação entre UTs e UTIs			
discursivo	constituição das UTs	recursos não-verbais		Classificação dos <i>pathè</i>
peritextual	disposição das UTs			
Situacional – época, tempo empírico, tempo de circulação , periodicidade, duração de encadeamento, continuidade, duração de validade, lugar de produção, lugar de circulação , instâncias interlocutivas, finalidade , suporte material.				

Quadro 1. Grade de análise dos gêneros persuasivos (Pinto, 2006: 271)

mântica se funde com a *organizacional* uma vez que pensamos que a primeira fornece, no universo textual, instruções importantes para a depreensão da segunda.

¹⁰ Preferimos, nesta seção, ainda não trabalharmos com a noção de *engrenagem*, importante na depreensão da organização textual dos gêneros persuasivos.

2.2. Gêneros textuais persuasivos/Engrenagem textual/Unidade Textual/Plataforma geradora

Depois de termos definido alguns princípios teóricos básicos que nortearam este trabalho, passaremos a apresentar algumas categorias que foram desenvolvidas, durante a tese, para a análise dos textos que fazem parte dos *corpora* de que dispúnhamos.

Inicialmente, como já foi anunciado no título e na própria introdução deste artigo, este trabalho buscará trabalhar com textos inseridos em *gêneros textuais* particulares por nós denominados *persuasivos*. Estes caracterizam-se, como mencionamos em nota, por apresentar uma *finalidade persuasiva* acentuada, buscando fazer com que determinado indivíduo vote num partido (gênero *outdoor* partidário); adira a uma idéia (gênero editorial). Apesar de estes gêneros terem finalidades persuasivas distintas, apresentam em comum a busca por uma adesão de um Outro a determinado aspecto.

Uma outra categoria por nós trabalhada foi a de *engrenagem textual*. Considerando que o texto, na acepção por nós adotada, é uma *unidade comunicativa complexa e dinâmica*, que interage constantemente com o meio em que é produzido, não poderíamos deixar de pensar na existência também de uma inter-ligação entre os diversos componentes que procuram dar conta da materialização lingüístico-textual do objeto em estudo. Desta forma, propusemos como instrumentos de análise as noções de *engrenagem organizacional, enunciativa ampliada e estilística*. Evidentemente, assim como as engrenagens funcionam mecanicamente para transmitir movimento mecânico de uma roda a outra, por exemplo, o funcionamento de uma engrenagem textual interferirá na outra e vice-versa. No caso específico da *engrenagem organizacional*, que diz respeito ao conjunto de níveis em que um texto pode ser ‘desmontado’, veremos nas análises que ela será coibida, por aspectos genéricos diversos e se relacionará com as demais engrenagens.

Outro aspecto relevante que merece ser definido neste trabalho é o conceito atribuído, na *engrenagem organizacional*, à *unidade textual* (UT). Esta, para nós, diz respeito a qualquer unidade (implícita ou explícita – verbal ou não-verbal –) quer seja ao nível do léxico, do sintagma, do parágrafo ou de vários parágrafos que, no interior do universo textual, apresenta uma unidade de sentido. Essas unidades textuais podem ter graus de importância variáveis dentro da OT dos textos. Algumas são consideradas unidades macro-textuais (UMT), seguindo critérios específicos¹¹, exatamente por funcionar como um centro distribuidor de relações argumentativas (*plataforma geradora*). Por outro lado, existem ainda unidades verbais (UTs) várias, subordinadas semântico-funcionalmente à UMT, que se distribuem ao longo do texto que apresentam funções diversas: *comentário, comentário crítico, detalhamento, fecho*. A definição destas será efetuada ao longo das análises dos textos.

¹¹ Estes critérios são variáveis em função do gênero textual (Pinto, 2006: 225). Podem ser relativos a aspectos tipográficos e cromáticos, como no caso do *outdoor* partidário; ou ainda, em função de critérios metatextuais como no editorial.

2.3. Argumentação interna e externa

Como já foi mencionado, a engrenagem organizacional nos gêneros persuasivos apresenta uma Unidade macro-textual (UMT) que funciona como a plataforma geradora (PG) de relações argumentativas no universo textual. Contudo, como esta UMT estaria interligada às demais UTs presentes no universo textual? Estas relações serão depreendidas a partir do levantamento das *argumentações externas e/ou internas* desencadeadas pela UMT.

Lembremos que, de acordo com a atual versão da Argumentação na Língua ou Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta por Carel & Ducrot, toda palavra e/ou enunciados de tamanhos variáveis podem ser parafraseados por encadeamentos argumentativos em **contudo** (CT) e/ou **portanto** (PT). No primeiro caso, originariam-se *discursos*¹² *normativos*; no segundo, *discursos transgressivos*.

Desta forma, por exemplo, ao estudar argumentativamente determinada unidade lexical como ‘prudente’, podem ser construídos dois tipos de argumentação. Poderíamos pensar em possíveis continuações para o termo, como: [Pedro é prudente, portanto não terá acidente] ou ainda [Pedro é prudente, contudo teve um acidente]. Neste caso, teríamos *argumentações externas* possíveis para o termo ‘prudente’. Ou ainda, poderíamos considerar a existência de possíveis argumentações que o próprio termo contém: [Se houver perigo, Pedro tomará precauções]. No exemplo, teríamos uma *argumentação interna* ao termo ‘prudente’. Com isso a TBS estuda, além da *argumentação externa* das unidades lingüísticas, como o faziam os estudos iniciais da argumentação na língua, a *argumentação interna* destas mesmas unidades.

3. Análise propriamente dita

Tendo pontuado algumas questões teóricas relevantes, passaremos à análise do funcionamento da plataforma geradora (PG) na organização textual de exemplares de dois gêneros textuais¹³. Tais análises como já nos referimos anteriormente foram minuciosamente detalhadas na minha tese de Doutorado em Linguística. Contudo, neste espaço, selecionamos alguns aspectos importantes para detalhamento desta PG num *outdoor* (estudo de caso 1) e num *editorial* (estudo de caso 2). Lembremos que estes estudos de caso foram escolhidos uma vez que constituem elementos prototípicos¹⁴ dos gêneros em que se inserem. Evidentemente, as análises efetuadas nos forne-

¹² No caso da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), os *discursos* dizem respeito a enunciados em **contudo** ou **portanto**. E neste trabalho ao mencionarmos o termo discurso, estaremos nos referindo a esta acepção.

¹³ Para este trabalho, escolhemos aleatoriamente a análise de dois gêneros persuasivos apresentados na minha tese de doutoramento em Linguística – *Argumentação em gêneros persuasivos: um estudo contrastivo*.

¹⁴ É importante mencionar o contributo de Kleiber (1990), sistematizando os estudos semânticos sobre a prototipicidade.

ceram determinadas pistas que devem ser atestadas em *corpora* mais alargados.

Como já foi mencionado, na organização textual dos gêneros persuasivos, é de ser considerada a existência de uma *engrenagem organizacional* (EO) que interage com outras duas, a *enunciativa ampliada* e a *estilística*. Esta EO apresenta dois níveis hierárquicos: um que denominamos macro, em que se insere a unidade macro-textual – UMT –. Esta atua como *plataforma geradora* (PG) de relações argumentativas no universo textual. Há também um outro nível subordinado a este nível macro, em que estão inseridas unidades menores, a que chamamos, simplesmente, unidades textuais – UTs. Vimos ainda que estas UTs podem ser explícitas ou implícitas.

3.1. Estudo de caso 1

Lembremos que o exemplar do *outdoor* partidário escolhido (anexo 1), dentre 17, foi um dos muitos cartazes que foram elaborados pelo setor de Marketing Político do Partido Social Democrata para convencer os vários eleitores que o PDS seria o partido que melhor atenderia às exigências da população nas Legislativas de 2002 e que Durão Barroso seria o melhor candidato para o cargo de Primeiro Ministro.

Este cartaz fez parte de uma série de outros cartazes que traziam fotos de crianças com enunciados que questionavam de forma crítica aspectos sociais do país e evidencia uma das estratégias mais marcantes utilizadas pelo Marketing Político do partido, a crítica ao partido adversário que estava no poder na época. A partir deste cunho crítico, no cartaz, é salientado que o sistema de saúde estava tão ruim que um indivíduo para ser operado precisava de “cunhas”.

Alguns aspectos genéricos devem ser salientados para a depreensão da engrenagem organizacional do *outdoor*. Em primeiro lugar, estes cartazes são colocados em vias de circulação (rotundas e auto-estradas) – *lugar de circulação* específico. Conseqüentemente, devem apresentar pouca mensagem verbal (o tempo de leitura por parte dos transeuntes é reduzido) e formatos tipográficos e cromáticos adequados para uma breve percepção e entendimento. Face a estas coerções, poderemos analisar a *engrenagem organizacional* e o funcionamento da plataforma geradora no cartaz partidário em análise.

3.1.1. Plataforma geradora (PG) do *outdoor* partidário

No caso específico do *outdoor* partidário em análise, a própria frase interrogativa ‘Mãe, porque a avó precisa de cunhas para ser operada’ seria a unidade macro-textual (UMT) – funcionando como a PG – de relações argumentativas no cartaz. Esta UMT pode ser identificada a partir de critérios não-verbais: o tamanho da letra, o tipo de caracteres empregado e ainda a cor utilizada (a UMT se encontra na parte de fundo vermelho do cartaz, enquanto que as outras UTs, na parte verde). Observamos também que a interrogativa apresenta letras maiores do que as dos demais *slogans* que estão presentes no cartaz. Ademais, é a única proposição, no cartaz, que está em caracteres

retos. Tentaremos mostrar que esta UMT, que corresponde ao corpo do cartaz, funciona neste meio textual como uma *plataforma geradora* de relações argumentativas.

Neste *outdoor*, ainda, podemos descrever esta UMT como uma *questão altamente transgressiva*¹⁵ (QAT) que, a partir da atual versão da Argumentação da Língua, pode dar origem ao ponto de vista de dois enunciadores que correspondem a duas UTs – no caso implícitas – que estarão ligadas semanticamente a essa UMT. Passaremos a descrever esta QAT utilizando a Teoria dos Blocos Semânticos.

3.1.2. Descrição da UMT como QAT

Ao ‘desmontarmos’ a questão altamente transgressiva podemos observar dois enunciadores: o primeiro enunciador (E1) poderia ser parafraseado por um encadeamento argumentativo em CT:

E1 – necessidade de ‘cunhas’ CT NEG motivo

Neste encadeamento, o primeiro segmento “necessidade de ‘cunhas’” estaria relacionado a uma espécie de voz coletiva e diz respeito a uma espécie de pressuposto: [existe um motivo pelo qual a avó precisa de ‘cunhas’ para ser operada]. Por outro lado, no segundo segmento ‘NEG motivo’, o enunciador mostra um desconhecimento acerca do motivo que levaria a avó a necessitar de cunhas para ser operada.

Este encadeamento poderia ser parafraseado pelo discurso transgressivo:

E1 – [Existe uma razão para se precisar de ‘cunhas’ para ser operada CT é difícil encontrar o motivo]

(pressuposto)

(expressão de ignorância do locutor)

E, ainda, este discurso transgressivo, corresponderá dentro do cartaz partidário a uma Unidade Textual Implícita (1x) – UTI1.

O fato de E1 apresentar um discurso em CONTUDO – o qual o locutor acata – que marca, no caso, certa estranheza, algo sem sentido, obrigará o interlocutor a buscar um encadeamento normativo, no intuito de desfazer esta ‘incoerência’.

Teremos assim, o ponto de vista de um segundo enunciador – E2 – que poderia ser descrito através do aspecto normativo:

E2 – direito PT ação

¹⁵ Anscombre & Ducrot (1988) fizeram uma descrição das questões totais (aquelas que têm como resposta sim ou não). Sauerwein (2000), dando prosseguimento aos estudos descritivos da argumentação na língua, centrou-se nas questões parciais (aquelas introduzidas por pronomes ou advérbios interrogativos) e mais recentemente – Sauerwein (2005a e b) – nas questões altamente transgressivas (QAT). A questão altamente transgressiva é aquela introduzida por *wieso* (em alemão) e em português por *porque é que*. A partir delas, o ponto de vista de dois enunciadores são colocados em cena, como veremos na descrição. Em contrapartida, nas questões parciais (introduzidas por pronomes ou advérbios interrogativos), três enunciadores são colocados em cena.

Sendo que este aspecto poderia ser parafraseado pelo seguinte discurso normativo:

E2 – [O cidadão tem o direito PT ações devem ser tomadas para o direito ser cumprido (não precisar de ‘cunhas’)]

Esse discurso normativo poderia ser descrito como a Unidade Textual Implícita (1y). É a este ponto de vista que o locutor adere.

Na verdade, como afirma Sauerwein (2005b: 12): “Le choix d’un aspect d’un bloc sémantique correspond toujours à une certaine façon de voir ou de parler ce à quoi se superpose le positionnement du locuteur par rapport à ce point de vue”.

3.1.3. Descrição das demais UTs do cartaz

No *outdoor* partidário em análise, vemos a presença de uma unidade não-verbal que seria a própria fotografia de criança e ainda duas unidades textuais verbais que se mantêm de certa forma fixas, durante certo tempo de exposição. São elas os dois *slogans* do partido: “Temos de mudar” e “Somos todos Portugal” e os nomes do candidato e do partido – “Durão Barroso” e “PSD”, respectivamente. Estas UTs merecerão descrições diferenciadas e estarão ligadas à UMT de forma distintas.

3.1.3.a. Descrição da UT não-verbal

Quando nos deparamos com o *outdoor*, vemos a fotografia de uma criança (UT não-verbal) integrada num universo textual em que se inserem outras UTs verbais explícitas. Para estabelecermos as relações argumentativas que possam ser construídas entre essa UT não-verbal e as demais UTs presentes no cartaz, parece-nos necessário trabalhar fundamentalmente com as UTIs que poderiam ser apreendidas através da imagem. Ao visualizá-la, num percurso interpretativo, acreditamos que a postura da menina, de cabeça caída, com olhar triste, poderia suscitar junto ao leitor várias possibilidades de interpretação e, conseqüentemente, muitos discursos possíveis quer sejam normativos ou transgressivos. Apresentamos, a seguir, quatro possibilidades de encadeamentos argumentativos.

- (1) [A menina está triste PT sua avó vai ser operada] – (discurso normativo em PT)
- (2) [A avó da menina vai ser operada PT a menina está triste] – (discurso normativo em PT)
- (3) [A menina está triste CT sua avó não vai ser operada] – (discurso transgressivo em CT)
- (4) [A avó da menina está doente CT precisa de “cunhas” para ser operada] (discurso transgressivo em CT)

Mas qual seria o discurso que melhor descreveria esta fotografia? No intuito de tirar a ambiguidade que a própria fotografia suscita, teríamos necessidade de recorrer ao conceito de *representações imagísticas* proposto por Denis:

La représentation imagée vient en complément des représentations sémantiques, et ce complément, qui a un caractère optionnel, ne constitue pas un prérequis pour que la compréhension ait lieu et qu'un traitement de l'information sémantique soit effectivement réalisé. Cependant, lorsque l'imagerie est prise en oeuvre, c'est pour mettre à la disposition du sujet un codage supplémentaire de l'information, sous une forme rendant possibles des opérations qui ne seraient pas aussi facilement exécutées sur les représentations sémantiques.

(Denis, [1989 (1994): 129, 130])

Dessa forma, a imagem visa a complementar alguma informação fornecida por determinado conteúdo semântico. Com isso, ao retomarmos os discursos anteriormente apresentados e considerarmos o *outdoor* partidário como um texto, com um todo significativo, e levarmos em conta outros aspectos como o ângulo de tomada da fotografia – no caso uma contra-plongée –, o discurso transgressivo (4) seria o que melhor descreveria a unidade textual 'desencadeada' pela foto. Este discurso corresponderia à unidade textual implícita – 3 – (UTI3).

Esta UTI3 estaria associada à UTI1x por uma espécie de *função de associação*¹⁶, sendo que a UTI3 corresponderia a uma espécie de exemplo da UTI1x. E esta UTI1x poderia, por sua vez, funcionar também como uma *plataforma geradora* de relações argumentativas em relação a outras unidades textuais do cartaz.

3.1.3.b. Descrição das demais unidades do cartaz

O conteúdo semântico da UTI1x poderia ser parafraseado por uma expressão do tipo – [É necessário ter “cunha” para ser operada] – e várias argumentações externas poderiam lhe estar associadas, como por exemplo:

- (5) [É necessário ter “cunha” para ser operada PT vamos arrumar uma cunha]
- (6) [É necessário ter “cunha” para ser operada PT a avó não poderá sê-lo] (não poderá ser operada)
- (7) [É necessário ter “cunha” para ser operada PT “temos de mudar”]
- (8) [É necessário ter “cunha” para ser operada PT temos de agir enquanto país] (este segundo segmento poderia ser inferido a partir da expressão “somos todos Portugal”)

Dentre os vários discursos que apontamos apenas dois são selecionados pelo Locutor: o (7) e o (8). Dessa forma teríamos mais duas unidades textuais implícitas que corresponderia à UTI4 e UTI5, respectivamente.

Por outro lado, a UTI1y – [Direito de ser operada PT não precisar de “cunhas”] poderia ser parafraseada pela expressão – [não é necessário ter “cunha” para ser operada]. A partir destas, várias argumentações externas poderiam aparecer, dentre as quais teríamos como exemplos:

- (9) [Não é necessário ter “cunha” para ser operada PT pode providenciar a cirurgia]
- (10) [Não é necessário ter “cunha” para ser operada PT não precisa se preocupar]

¹⁶ Vignaux (2004: 116).

(11) [Não é necessário ter “cunha” para ser operada PT vote “PSD”]

(12) [Não é necessário ter “cunha” para ser operada PT vote “Durão Barroso”]

Com isso, dentre as várias argumentações externas suscitadas a partir de UTI1y, apenas duas foram selecionadas pelo agente produtor, a (11) e a (12). Esta seleção pode ser realizada ao se recorrer a duas outras unidades textuais explícitas presentes no *outdoor* partidário: à referente à própria sigla do partido e à relativa ao nome do candidato. Ter-se-iam, assim, duas outras unidades textuais implícitas: a UTI6 e a UTI7, respectivamente.

3.2. Estudo de caso 2

No caso do editorial, existem *aspectos metatextuais* que salientam a importância do título nesta peça jornalística. O Livro de Estilo do jornal Público (*LEP*) menciona que “o título é o elemento central da peça jornalística e tem de funcionar por si só sem “muletas” – *LEP* (2005: 60). E, em função desse grau de importância, existem critérios específicos para a sua elaboração. Segundo este mesmo livro, cabe ao jornalista, na sua elaboração, preferir a frase afirmativa e recusar a ambiguidade ou imprecisão – *LEP* (2005: 66).

O título, que é marcado com caracteres tipográficos distintos no editorial (no caso, aparece em itálico para se destacar do dos demais artigos), faz com que o leitor se sinta atraído a ler determinado texto. O próprio título, no caso deste editorial, instaura uma espécie de ‘embate de vozes’ e caberá ao texto que o acompanha desvendar a questão. Esse dialogismo é marcado, no nosso título “Durão, esquerda e direita”, pelo uso do organizador textual aditivo “e”. Um leitor mais atento ficará surpreso ao se deparar com uma afirmação deste tipo: como pode um candidato, conhecido de todos, ser ao mesmo tempo de esquerda e de direita?

Convém mencionar que o fato de o título dos editoriais apresentar um caráter ambíguo, ao contrário do que prevê o próprio *LEP*, seria uma espécie de estratégia utilizada pela direção para introduzir um debate no interior do próprio texto. Dessa forma, pensamos que o título no editorial pode ser considerado como uma Unidade Macro-Textual com função de plataforma geradora das relações argumentativas estabelecidas no texto.

3.2.1. Descrição da UMT com função de PG

O título, como justificamos acima, funciona como a UMT, no gênero e poderia ser decomposto em duas unidades textuais. A UMT1x que corresponderia à unidade lexical “direita” e a UMT1y que diria respeito à unidade lexical “esquerda”.

A partir da UMT1x poderíamos pensar na existência de uma série de *argumentações internas* relacionadas a [ser de] “direita”. Vejamos alguns exemplos de discursos possíveis:

(1) [Há a diminuição de algumas taxas PT ele pensa que vai haver maior crescimento].

(2) [Existem modificações na Justiça PT ele crê que haverá maior desenvolvimento]

- (3) [Há privatizações PT ele pensa que há maior crescimento econômico]
- (4) [Existe um diálogo com os empresários PT ele pensa que há maior desenvolvimento]
- (5) [Há um corte de taxas específicas PT ele pensa num favorecimento da classe empresarial]
- (6) [Há reformas da legislação laboral PT ele pensa num maior desenvolvimento]
- (7) [Existe um maior diálogo com bancos PT ele pensa num maior desenvolvimento]

Sendo que algumas das argumentações internas relativas à UMT1x são selecionadas pelo Locutor e ecoam em diversos momentos do texto. Por exemplo, logo no primeiro parágrafo, ao ser mencionado que Durão pensa em fazer no país um “choque fiscal” parecido com o que George Bush fizera no governo americano, teríamos uma outra unidade textual – que nomearíamos UT1x – subordinada à UMT1x. Essa UT1x pode vir a ser traduzida pelo discurso normativo apresentado em (1).

Também no primeiro parágrafo, quando é mencionado que Durão fará mudanças na Justiça como as feitas por Berlusconi, teríamos uma outra unidade textual também subordinada à UMT1x, que seria a UT2x, parafraseável pelo *discurso normativo* apresentado em (2).

Mas outros ‘ecos’ da UMT1x se estendem também por todo o texto. Por exemplo, no terceiro parágrafo, quando é mencionado o programa de Durão, teríamos várias unidades textuais também subordinadas à UMT1x:

“O seu programa – que insiste, por exemplo, no reforço das privatizações (UT3x), em mensagens de graça para os empresários (UT4x), nos cortes de taxas de IRS que só as classes mais altas pagam (UT5x), ou até a sua ambiguidade em dizer sim ou não à liberalização da legislação laboral (UT6x) – é claramente próximo do conservadorismo liberal, do centro-direita ou da direita, conforme a terminologia preferida ((UT7x))”.

Sendo que todas as unidades textuais UT3x, UT4x, UT5x e UT6x poderiam apresentar as argumentações internas mencionadas em (3), (4), (5) e (6), respectivamente. Por outro lado, a UT7x sintetizaria todos os encadeamentos argumentativos presentes neste trecho.

Ademais, a partir da UMT1y que corresponderia a [ser de] “esquerda”, poderíamos pensar em uma pequena série de argumentações internas, tradicionalmente associadas à expressão:

- (8) [Se existe um problema de ordem social PT ele vai tentar resolver o problema]
- (9) [Se existem problemas de ordem social PT ele vai atuar fazendo valer os preceitos ideológicos socialistas]
- (10) [Se existem problemas relativos ao trabalho PT ele vai atuar fazendo valer uma proteção às leis laborais]
- (11) [Se existem problemas de ordem social PT ele vai agir para fazer com que as forças sindicais atuem]

Dentre as argumentações internas mencionadas, dentre várias possíveis, observamos que apenas a (8) e a (9) podem ser inferidas a partir de algumas

UTs subordinadas à UMT1y, que aparecem no texto. Na verdade, existe, por parte do Locutor, uma seleção dentre várias possibilidades. Vejamos alguns exemplos.

No primeiro parágrafo, teríamos “um apelo às funções sociais do Estado que pretende rivalizar com o programa de Ferro Rodrigues” como uma UT1y e, no segundo parágrafo, “Ao contrário de Ferro Rodrigues, que assume um discurso de esquerda e reivindica os valores ideológicos do socialismo democrático europeu”, que seria uma UT2y. Sendo que as duas UTs subordinadas à UMT1y poderiam ser parafraseáveis por (8) e (9), conforme mencionamos.

Assim, todas as UTxs ou UTys derivadas, respectivamente da UMT1x e UMT1y, estariam detalhando ou exemplificando as unidades textuais às quais elas estariam subordinadas. Existe, assim, como afirma Fonseca (2001: 100) uma espécie de “*movimento de polarização* que atravessa todo o discurso”. De um lado, UTs interligadas semântico-cognitivamente à argumentação interna da expressão [ser de] “direita e de outro, UTs também co-relacionadas à argumentação interna do [ser de] “esquerda”.

3.2.2. Descrição das demais UTs

Logo no primeiro parágrafo, podemos identificar, além das UT1x e UT1y, mencionadas duas UTs que apresentam funções diversas.

A primeira, a UT3, é introduzida por “Quem de bom senso [...] mais à direita que à esquerda”, exerce uma espécie de *função de comentário*¹⁷ do Locutor em relação às UTxs e UTys anteriormente apresentadas. E nessa nova UT, a UT3, o Locutor faz uma espécie de análise das propostas expostas de Durão Barroso e reflete acerca delas, reformulando que o candidato é mais de direita do que de esquerda. São, inclusive, vários os recursos linguísticos para obter este efeito. Citamos, como exemplo, alguns dos vários recursos linguísticos utilizados:

- o uso do termo anafórico “o balanço global” que remete a todas as propostas de Durão Barroso, mencionadas na UMT1x e UMT1y anteriores;
- o emprego de um pronome indefinido “quem”, que remete, neste contexto, tanto às pessoas de bom senso quanto ao Locutor que se integra a estes últimos;
- o emprego de verbos no presente do indicativo com valor dêitico como “pode”, “é”, “está” que remetem diretamente ao momento da enunciação, marcado pela presença do dêitico temporal “hoje”;
- a utilização de vários organizadores textuais “e”, “por isso”, “ou seja”. O grande número de organizadores textuais numa mesma OT corrobora a tese de que, nos trechos com *função de comentário*, o Locutor faz uma análise do que disse previamente e raciocina logicamente.

¹⁷ A UT exerce esta função porque ela apresenta a opinião do Locutor em relação a uma outra UT que a antecede ou sucede.

A segunda, a UT4, é introduzida por um organizador textual, o “mas”. A função deste organizador, no caso, é de tirar a ambigüidade que possa surgir, e é, normalmente, a partir do “mas” que uma das interpretações é privilegiada.

Além disso, toda essa UT4 será construída, justificando por que motivo *Durão não acha ser sempre* “de direita”. Na verdade, ao ser colocada uma espécie de *arraçoado por autoridade* – cf. Ducrot (1984b: cap. II) – do tipo “Durão Barrosos diz que P”, em que a fala do candidato é tomada como índice de verdade de “P”, é ressaltada a superficialidade do conteúdo do que é expresso pelo candidato. Em outras palavras, a análise aponta para o fato de o candidato não dizer a verdade, uma vez que é apresentado pelo Locutor como sendo claramente de direita.

Ademais, o tom crítico é reforçado pelo próprio emprego do discurso indireto: “[...] Durão Barroso diz com pragmatismo que ora é de esquerda, ora de direita, [...] diz Durão Barroso que a tradicional oposição esquerda/direita não passa de um ‘preconceito ideológico do passado’”. E esse teor crítico é acentuado pelo próprio uso das aspas na expressão mencionada. Essas marcas de *discurso relatado* marcam o distanciamento do Locutor daquilo que é afirmado. Ele se distancia de forma a acentuar o tom crítico no universo textual. Essa UT4 também teria uma *função de comentário crítico*¹⁸.

3.2.3. Descrição das UTs nos demais parágrafos

No segundo parágrafo, existem duas unidades textuais: a UT5 (relacionada à UT2y) corresponde a “Ao contrário de Ferro Rodrigues [...] até a indefinição”. Nesta unidade textual, observamos uma função de comentário crítico, como a UT4. O Locutor comenta o fato de o candidato Ferro Rodrigues assumir uma posição realmente condizente com a de esquerda, contrapondo-se à de Durão que “prefere aparecer” como candidato do centro.

Uma outra unidade textual, a UT6, é introduzida por “O problema é que”, estendendo-se até o final do parágrafo. Temos novamente a *função do comentário* predominando, como em UT3. É o próprio Locutor que comenta o que ele disse anteriormente.

A UT7 representada por “Se não há dúvidas [...] pelo que omite” também exerce uma função de comentário, contudo este está relacionado as UTxs que a sucedem.

A UT8 iniciada por “Claro que [...] em si mesmo” tem uma função de expansão em relação à UMT1x, expandindo e detalhando questões que não foram até então colocadas e, ao mesmo tempo, tem uma função de comentário em relação às UTs anteriormente apresentadas.

No quarto parágrafo, podem ser observadas mais duas unidades textuais:

¹⁸ Quando a UT exerce a *função de comentário crítico*, o Locutor se posiciona, de forma mais incisiva, em relação a determinado fato, mesmo não estando, explicitamente, presente no universo textual.

A UT9, que corresponde a “Independentemente das razões táticas [...] o trair”, com função de comentário, em que o Locutor analisa aspectos levantados na UT5.

A UT10 de “Ficaria por isso [...] eleitores”, com função de fecho, em que o Locutor de uma forma distanciada – marcada pelo uso do futuro do pretérito e do organizador “por isso” – conclui o seu pensamento ao dizer que “não há mal nenhum em ser-se de direita ou de esquerda e a separação de águas só ajuda os eleitores”.

4. Considerações Finais

Pelo que expusemos, podemos observar que existem aspectos de ordem genérica que coíbem a materialização da UMT e por conseguinte diferentes funcionamentos da *plataforma geradora* de relações argumentativas são observados.

No caso do *outdoor* partidário, o fato de os *outdoors* serem colocados em vias de grande circulação, especialmente em rotundas e auto-estradas, cria coerções relevantes ao nível da produção textual. Os recursos verbais são quase inexistentes e as cores, as letras (grandes para serem vistas à longa distância), fotografia são importantes. Desta forma, é de ser considerada a existência de uma unidade textual que, por aspectos tipográficos diferenciados (em itálico e maior tamanho de letra) funcione como uma *plataforma geradora* de relações argumentativas neste meio. É através dela que o pedestre e/ou motorista pode(m) estabelecer as relações argumentativas e a dinâmica argumentativa é instaurada.

Já no editorial, também existem fatores genéricos que nos permitem identificar a PG. No caso desse gênero seria fundamentalmente o aspecto metatextual. O próprio livro de estilo do veículo ressalta a importância do título que deve sintetizar o texto que o acompanha. A partir desta PG, várias unidades textuais estarão interligadas exercendo funções argumentativas diversas: *crítica, comentário crítico, detalhamento, fecho*.

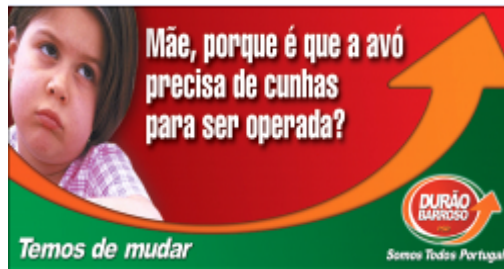
Em suma, os gêneros persuasivos que transitam em práticas sociais diversas só podem vir a ser analisados quando considerarmos as atividades sociais em que se integram. Dessa forma, a própria apreensão da plataforma geradora de relações argumentativas em textos empíricos integrados a estes gêneros só pode ser efetuada quando levarmos em conta questões genéricas que são inerentes à própria materialização lingüística.

Referências

- Adam, Jean Michel 2001. En finir avec les types de textes. In Ballabriga, M. (dir.). *Analyse des Discours Types et genres: communications et interprétations*. Toulouse: Editions Universitaires du Sud, pp. 25-43.
- Anscombe, Jean-Claude & Ducrot, Oswald 1988. *L'argumentation dans la langue*. Liège/Bruxelles: Mardaga.

- Bakhtin, Mikhail 1997. *Estética da Criação Verbal*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Bouquet, Simon 2004. Linguistique générale et linguistique des genres. *Langages* 153, pp. 3-14.
- Bronckart, Jean-Paul 2004. Commentaires conclusifs. Pour un développement collectif de l'interactionnisme socio-discursif. *Calidoscópico* 2 (2), pp. 113-123.
- Carel, Marion 2002. Argumentation externe et argumentation interne au lexique. *Langages* 142, pp. 10-21.
- Coutinho, Antónia 2005. Para uma linguística dos gêneros de texto. *Diacrítica* 19 (1), pp. 73-88.
- Denis, Michel 1989. *Image et cognition*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Ducrot, Oswald 1984a. Polyphonie. *Lalies* 4, pp. 3-30.
- Ducrot, Oswald 1984b. *Le Dire et le dit*. Paris: Minuit.
- Ducrot, Oswald 2001. Critères argumentatifs et analyse lexicale. *Langages* 142, pp. 22-40.
- Fonseca, Joaquim 2001. "O grau zero": discurso, representações ideológicas e construção de sentido. In: Fonseca, Joaquim (org.). *Língua e Discurso*. Porto: Porto Editora.
- Kleiber, Georges 1990. *La Sémantique du Prototype. Catégories et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Livro de estilo Público* 2005. Lisboa: Público Comunicação Social
- Maingueneau, Dominique 1986. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Mémo Seuil.
- Maingueneau, Dominique 1998. *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod.
- Maingueneau, Dominique 2002. Un genre de discours. In Dardy, C., Ducard, D., Maingueneau D. (orgs.) *Un genre universitaire. Le rapport de soutenance de thèse*. Lille: Presses Universitaires de Septentrion.
- Pinto, Rosalice 2006. *Argumentação em gêneros persuasivos. Um estudo contrastivo*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Rastier, François 2001. *Arts et Sciences du Texte*. Paris: PUF.
- Sauerwein, Sibylle 2000. *La représentation critique du discours de l'autre: le questionnement oppositif*. Münster: Lit-Verlag.
- Sauerwein, Sibylle 2005a. Le questionnement au moyen de wieso: polyphonie et argumentation dans la question partielle. In Rossari, Corinne et al. (ed.). *Les états de la question*. Québec: Nota Bene, pp. 129-145.
- Sauerwein, Sibylle 2005b. Pourquoi diable pose-t-elle toujours des questions? Quelques réflexions sur les mécanismes inhérents au questionnement partiel. *Revue Romane*, pp. 115-128.
- Vignaux, Georges 2004. Une approche cognitive de l'argumentation. In *L'Argumentation aujourd'hui – Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- Voloshinov, V. N. 1997. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8ª edição. São Paulo: Hucitec.

Anexos



Outdoor partidário – estudo de caso 1.

